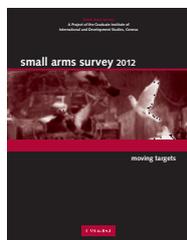


Small Arms Survey 2012

ALVOS MÓVEIS



O *Small Arms Survey 2012* pretende aumentar a nossa análise minuciosa sobre o que está mudando ou não, em relação à violência armada e à propagação de armas leves. Os capítulos sobre homicídios por armas de fogo na América Latina e no Caribe, sobre a violência de drogas em países selecionados da América Latina e sobre a violência não letal em todo o mundo ilustram que a segurança é um alvo móvel. A violência armada, tanto letal como não letal, continua a minar a segurança e o bem estar das pessoas e das sociedades em todo o mundo. A meta de conter a propagação de armas leves, incluído no Programa de Ação da ONU, parece igualmente ilusória. Os capítulos sobre armas leves ilegais em zonas de guerra, sobre a transparência do comércio, sobre a pirataria somali e sobre a Conferência de Especialistas do Governo de 2011 das Nações Unidas destacam alguns dos sucessos, mas também os desafios contínuos nessa área. Os estudos nacionais sobre o Cazaquistão e a Somalilândia, juntamente com a fase final do projeto sobre as transferências autorizadas, completam a edição de 2012.

O *Small Arms Survey* é produzido anualmente por uma equipe de pesquisadores sediada em Genebra, na Suíça, e por uma rede mundial de pesquisadores locais. Políticos, diplomatas e organizações não-governamentais têm avaliado o *Small Arms Survey* como um recurso vital para a análise tópica de problemas relacionados com as armas leves e as estratégias para a redução da violência armada.

Elogio ao *Small Arms Survey* de 2012 feito por Ban Ki-moon, Secretário Geral das Nações Unidas:

“Como as edições anteriores, o *Small Arms Survey 2012: Alvos Móveis* oferece pesquisas inéditas e análises que podem contribuir para melhores resoluções em programas de ações. Ele também pode contribuir para o desenvolvimento de objetivos mensuráveis para o controle das armas leves. Eu recomendo o *Small Arms Survey 2012* como um trabalho competente para todos os Países Membros e todos os interessados comprometidos com a redução do efeito devastador que as armas leves causam sobre os indivíduos, as comunidades e em países e regiões inteiras.”

Principais conclusões

A violência armada na América Latina e no Caribe

- Em 21 dos 23 países na América Latina e no Caribe, cujos dados foram examinados, as proporções de homicídios cometidos por armas de fogo foram mais altas do que a média global (42 por cento). A exceção foram Cuba e Suriname.
- Tendo vivenciado aumentos nos índices de homicídios entre 1995 e 2010, El Salvador, Guatemala, Jamaica e Venezuela sofreram com índices de homicídios muito altos (> 30 por cada 100.000 habitantes). Junto com o Brasil, Colômbia, Panamá e Porto Rico, que também exibiram uma proporção muito alta de homicídios cometidos por arma de fogo (> 70 por cento)
- Em contraposição, Argentina, Chile, Cuba, Peru, Suriname e Uruguai relatam índices baixos de homicídios (<10 por cada 100.000 habitantes), tendências de melhora ou de estabilidade entre 1995 e 2010 e uma cota de homicídios por armas de fogo abaixo de 60 por cento.
- Como no resto do mundo, os países na América Latina e no Caribe parecem mostrar uma relação positiva entre o índice nacional de homicídios e a proporção de armas de fogo usadas nos homicídios. Isso quer dizer que índices altos de homicídio são acompanhados por altas percentagens de uso de armas de fogo em homicídios.

Violência da droga

- No México uma onda de medidas severas levou a numerosas prisões e a uma fragmentação de alguns dos maiores cartéis; mesmo assim, tanto a violência entre cartéis como a violência entre os cartéis e o Estado cresceram drástica e continuamente desde que o presidente Felipe Calderón convocou o Exército mexicano para combater o narcotráfico no fim de 2006.
- Os cartéis mexicanos – reagindo em parte às medidas severas no México – estabeleceram bases de apoio na América Central, especialmente na Guatemala e em Honduras, desestabilizando a relação local entre grupos de criminosos organizados “nativos” e ameaçando se sobrepor às forças policiais e militares ineficientes .
- No Rio de Janeiro, o Estado recuperou o controle sobre mais de 20 favelas, incluindo algumas das maiores da cidade, antes nas mãos das organizações do narcotráfico com base de comando em prisões. Essas organizações parecem estar modificando as suas estratégias de dominação e confrontação armada para estratégias de comércio de nível mais baixo e não violento. Mas ainda é muito cedo para saber se este programa de “pacificação” sistemática resultará em reduções sustentáveis na violência armada.

A violência não letal por arma de fogo

- Em todo o mundo, pelo menos dois milhões de pessoas – e provavelmente muito mais – estão vivendo com ferimentos causados por armas de fogo sofridos em lugares que não se encontram em situação de conflito durante as últimas décadas. Estes ferimentos geram custos diretos e indiretos consideráveis, como os que ocorrem devido ao tratamento, à recuperação e à perda da produtividade.
- Dados disponíveis sugerem que as vítimas de tiros num país com nível geral mais baixo de violência armada possuem melhores chances de sobreviver aos ferimentos.
- A possibilidade de um ferimento a bala levar a uma grave deficiência ou à morte é influenciada pelo tipo de arma de fogo, a velocidade da munição e o calibre da arma, assim como pelo acesso e pela qualidade dos serviços de saúde, entre outros fatores.

Estudo de caso: Cazaquistão

- A população civil no Cazaquistão possuiu em 2010 um número estimado de 190.000 a 225.000 armas de fogo, o que significa um índice per capita baixo para os padrões internacionais. A posse civil de armas de fogo parece mais comum entre homens jovens e nas áreas urbanas; isto parece ser motivado por uma percepção da necessidade de auto-proteção contra criminosos.
- Apesar do índice de homicídios no país ter diminuído de maneira significativa desde os anos noventa, ele manteve-se acima da média mundial em 2010, em mais de 8 por cada 100.000 habitantes. A percentagem de homicídios e roubos cometidos com armas leves tem aumentado nos últimos anos, mas ela mantém-se baixa quando comparada com os índices de outros lugares.
- As perspectivas, em geral, positivas do Cazaquistão são ofuscadas por um aumento dos índices de criminalidade desde 2010, assim como pelos recentes incidentes de violência armada com conotações terroristas, étnicas e políticas.
- O Cazaquistão foi afetado de maneira desproporcional por acidentes em depósitos de munições, com seis incidentes graves que se sabe terem ocorrido desde 2001.

Estudo de caso: Somalilândia

- A situação de segurança geral na Somalilândia melhorou, apesar da larga presença de armas de fogo em mãos de particulares, incluindo armas de fogo militares.
- Desde meados dos anos 90 a solução dos principais conflitos armados e o correspondente crescimento da autoridade estatal têm ajudado a conter a violência armada em larga escala nas regiões central e ocidental da Somalilândia e facilitado o estabelecimento da força policial dentro do território.
- A nível local, os grupos de vigilância de bairros, trabalhando com e sob a autoridade da polícia de Somalilândia, têm melhorado a segurança em locais como Hargeisa e Burao.
- Tensões comunitárias em forma de violência baseada em clãs continuam a representar uma séria ameaça para a proteção e a segurança na Somalilândia. A sua resolução continua dependendo da integração no Estado de todos os grupos de clãs relevantes.

A pirataria somali e a segurança privada

- Enquanto o número de tentativas de ataques por piratas somalis continuou a crescer em 2011, tais ataques obtiveram menos sucesso do que em 2010 e resultaram em poucos sequestros.
- Cada vez mais, os grupos de piratas lançam mão da violência letal e do abuso de seus reféns durante os ataques e os períodos de cativo.
- Piratas somalis continuam usando principalmente fuzis de assalto, metralhadoras leves e lança-granadas-foguete.
- Devido à falta de uma regulamentação harmonizada, não existe um padrão de um “kit de armas” para o uso das empresas de segurança privada (PSCs) e as regras sobre o uso da força variam muito. Alguns países permitem que as PSCs marítimas portem apenas armas semi-automáticas; na prática as PSCs utilizam uma variedade de armas incluindo fuzis de precisão, metralhadoras de uso geral (GMPG), metralhadoras ligeira (LMG), fuzis de assalto automáticos, fuzis de repetição (*bolt-action*), escopetas e revólveres.

O processo de armas leves da ONU

- Uma importante recomendação vinda da MGE foi o estabelecimento de um Comitê Técnico que deveria traçar recomendações para as marcações, levando em consideração os novos progressos na fabricação e design de armas.
- Embora o assunto tenha sido abordado na MGE, diferenças entre a marcação de armas ligeiras e de pequeno calibre ainda têm que ser investigadas dentro do organismo da ONU.
- As delegações da MGE destacaram uma série de desafios associados com a conversão de sistemas de manutenção de registro em suporte de papel para a forma eletrônica, incluindo a falta de pessoal qualificado e problemas com os programas.

- Os participantes da reunião citaram a falta de informações nos pedidos de rastreamento, juntamente com a identificação imprecisa de armas e marcações de armas, como as principais causas das falhas de rastreamento. As armas produzidas sob licença em país estrangeiro foram, com frequência, não reconhecidas por causa da identificação incorreta do fabricante ou do país de fabricação.

Transparência

- A edição de 2012 do Barômetro de Transparência do Comércio de Armas Leves identifica a Suíça, o Reino Unido e a Romênia como os países mais transparentes entre os principais exportadores de armas ligeiras e de pequeno calibre.
- O Barômetro de 2012 identifica o Irã, a Coreia do Norte, os Emirados Árabes Unidos como os menos transparentes entre os maiores exportadores. Todos eles obtiveram uma pontuação zero.
- A transparência nacional da transferência de armas ligeiras e de pequeno calibre aumentou mais de 40 por cento entre 2011 e 2010, mas a pontuação média para todos os Estados juntos mantém-se abaixo da metade de todos os pontos disponíveis.
- A Suíça alcançou a mais alta pontuação do Barômetro de Transparência em todo o período de dez anos, obtendo 21 dos 25 pontos pelos relatos das suas atividades de 2007 a 2010. A Suíça é o único país que produziu um relatório nacional especificamente sobre as exportações de armas ligeiras e de pequeno calibre.

Transferências autorizadas

- As transferências internacionais autorizadas de armas de pequeno calibre, armas ligeiras, suas partes, acessórios e munições são estimadas num valor de pelo menos 8,5 bilhões de dólares americanos anualmente.
- A importância anual das transferências autorizadas de partes de armas ligeiras e de pequeno calibre é estimada num valor de pelo menos 1,428 bilhões de dólares americanos, 146 milhões dos quais não estão documentados em fontes disponíveis ao público.
- O comércio de partes para armas militares e armas ligeiras é dominado pelos países produtores de armas. Os 56 países que produzem armas de fogo militares e armas ligeiras importaram 97 por cento das partes em relação ao valor, enquanto os 117 países que não possuem uma capacidade de produção nacional conhecida importaram apenas 3 por cento em relação ao valor.
- O valor do comércio autorizado internacional de mira para armas é estimado em mais de 350 milhões de dólares. Os dados disponíveis sugerem que as miras respondem pela maior parte do comércio dos principais acessórios para armas ligeiras e de pequeno calibre, mas as lacunas nos dados impedem uma avaliação definitiva.

Os principais exportadores e importadores

- Em 2009 os principais exportadores de armas ligeiras e de pequeno calibre (aqueles que exportam anualmente pelo menos 100 milhões de dólares) de acordo com os dados de alfândega disponíveis são (em ordem decrescente) os Estados Unidos, a Itália, a Alemanha, o Brasil, a Áustria, o Japão, a Suíça, a Federação Russa, a França, a Coreia do Sul, a Bélgica e a Espanha.
- Em 2009 os principais importadores de armas ligeiras e de pequeno calibre (aqueles que exportam anualmente pelo menos US\$ 100 milhões) de acordo com os dados de alfândega disponíveis são (em ordem decrescente) os Estados Unidos, o Reino Unido, a Arábia Saudita, a Austrália, o Canadá, e Alemanha e a França.

Armas ilegais no Afeganistão, no Iraque e na Somália

- A grande maioria de armas leves ilegais no Afeganistão, no Iraque e na Somália parece ser os fuzis de assalto tipo Kalashnikov. Outros tipos de armas leves são relativamente raras.
- A maioria das armas ligeiras e as munições para armas ligeiras estudadas parecem ser versões de armas de design soviético ou chinês colocadas pela primeira vez em circulação há décadas atrás.
- Os dados sugerem que os grupos armados no Afeganistão e no Iraque têm acesso a muito poucas armas ligeiras tecnicamente sofisticadas ou de última geração.
- Dados adquiridos recentemente sobre armas apreendidas no Iraque, sugerem que uma percentagem significativa das armas apreendidas no Iraque eram de fabricação recente.

Para obter mais informações, por favor entre em contato com:

Small Arms Survey, Avenue Blanc 47, 1202 Genebra, Suíça

t +41 22 908 5777 • **f** +41 22 732 2738 • **e** sas@smallarmssurvey.org • **w** www.smallarmssurvey.org

Data de publicação: agosto de 2012 • Brochura: ISBN 978-0-521-14687-6 • Encadernação: ISBN 978-0-521-19714-4

Os exemplares desta publicação podem ser comprados através do site www.cambridge.org ou através de livrarias online, incluindo www.amazon.com. Os exemplares dos estudos podem ser obtidos por encomenda.